

AUBAZINE E O CÓDIGO SECRETO DO AROMA

Durante a maior parte do século XX, o aroma de Chanel Nº 5 tem sido um sussurro abafado que diz que estamos na presença de algo intenso e sensual. É o farfalhar sereno de elegante autoindulgência, o aroma de um mundo de bela e esplêndida opulência. E, a quase 400 dólares o vidro de 30ml, não é de espantar que Chanel Nº 5 nos passe nada mais do que a ideia de luxo.

É uma poderosa associação. O Chanel Nº 5 é suntuoso. De fato, a história deste famoso aroma é a de como um perfume singular capturou exatamente o espírito de vida veloz e despreocupado dos jovens e ricos nos *Roaring Twenties*, os Exuberantes Anos Vinte – e de como continuou a capturar a imaginação e os desejos do mundo. O Chanel Nº 5, desde o momento do seu primeiro apogeu, foi o aroma da bela extravagância.

As origens do perfume e de quem o criou, entretanto, não poderiam ser mais diferentes de tudo isto. De fato, parte da complexidade quando se pretende contar a história do Chanel Nº 5 é a linha divisória entre o que pensamos deste perfume icônico e o lugar onde ela teve início. O Chanel Nº 5 lembra tudo que é rico e encantador. É surpreendente que ele tenha começado num lugar que era a antítese do que mais tarde viria a defini-lo. A verdade é que a fragrância que sintetiza todos esses prazeres mundanos co-

meçou com um deplorável empobrecimento e em meio a perdas atordoantes.

As raízes camponesas de Gabrielle Chanel estavam profundamente enterradas no provinciano sudoeste da França e, em 1895, sua mãe, Jeanne Chanel – exausta de trabalhar e parir filhos – sucumbiu à tuberculose que a havia lentamente destruído. A doença espalhava-se rapidamente no clima frio e úmido das províncias rurais e, no século XIX, era chamada de “consumção” por um motivo. Ela consumia a saúde das suas vítimas por dentro, corrompendo os pulmões irremediavelmente e com muito sofrimento. Gabrielle – que recebeu o nome da freira que ajudou no seu parto – e seus quatro irmãos e irmãs sobreviventes haviam presenciado tudo. Ela estava com apenas doze anos de idade quando a mãe morreu.

O pai, Albert, era um mascate e talvez simplesmente não tivesse ideia de como cuidar de cinco crianças pequenas. Talvez não se importasse muito com isso. Ele possuía um charme levemente libertino e a vida inteira a sua tendência foi a de fugir às responsabilidades. Seja como for, em poucas semanas, a jovem Gabrielle perderia também o pai. Os meninos foram mandados para trabalhar e abrir caminho no mundo da melhor forma que conseguissem. Albert colocou as três filhas numa carroça sem nenhuma explicação e as abandonou num orfanato, numa cidadezinha rural na encosta de uma montanha no Corrèze, no convento de uma abadia conhecida como Aubazine.

Foi aqui que a menina que seria conhecida no mundo inteiro simplesmente como Coco cresceu como uma órfã vivendo de caridade. Foi uma profunda deserção, e as feridas causadas pela perda e o abandono foram temas que se entrelaçariam na história do Chanel Nº 5, como estiveram entrelaçadas na de Coco. Elas formaram um registro emocional que moldaria a história do perfume

mais famoso do mundo e do relacionamento muitas vezes complicado de Coco com ele.

Hoje, a abadia de Aubazine continua muito parecida com o que era durante a sua dura e solitária infância. Na verdade, ela continua em grande parte como era no século XII, quando o santo Étienne d'Obazine – como seu nome foi traduzido do original em latim – a fundou. Durante o tempo em que passou no orfanato, Coco Chanel e as outras meninas eram obrigadas a ler e reler a história da sua vida exemplar, e a monotonia inexorável das suas boas ações é esmagadora.

O santo Étienne, entretanto, tinha um aguçado senso estético num momento em que as ideias da cultura ocidental sobre beleza e proporção estavam em radical transição. Ele e os monges que o acompanharam até este fim de mundo num canto remoto do sudoeste da França eram membros da nova e crescente ordem clerical cisterciense que valorizava nada mais do que uma vida e uma arte de elementar simplicidade. O refúgio isolado de Étienne do mundo em Aubazine foi – e continua sendo – um espaço de ressonante e austera grandiosidade.

A estrada que parte em zigue-zague do vale até Aubazine é íngreme e estreita, e as florestas inclinam-se bruscamente em direção a longas ravinas. No cume, não há nada mais do que um pequeno vilarejo, com um aglomerado de construções baixas de pedra, algumas lojas, e casas tranquilas dominadas pela presença imponente de uma das grandes abadias medievais da França. Nos meados do século XIX, quando Gabrielle Chanel nasceu, ela havia sido transformada de mosteiro em orfanato para meninas dirigido por freiras. Para aquelas crianças, era uma juventude de muito trabalho e rígida disciplina e, felizmente para o futuro da jovem Gabrielle, uma boa parte estava concentrada em roupas. Não havia nada de luxo nisso, entretanto. Os dias se passavam lavando e consertando roupas, e foi aqui que ela aprendeu, é claro, a costurar.

Coco Chanel certa vez comentou, anos depois, que moda era arquitetura, e a arquitetura que ela queria representar era a deste convento que foi o seu lar, com suas linhas brutalmente puras e a beleza severa de contrastes simples. A associação nunca foi totalmente explorada em nenhum dos livros escritos sobre a revolucionária moda de Coco Chanel. Talvez a primeira pessoa a reconhecer a profunda importância de Aubazine tenha sido a biógrafa de Coco Chanel, Edmonde Charles-Roux, uma das poucas pessoas a conhecer a história dessa infância solitária. Ela a menciona de passagem. Pensando em Aubazine e no anseio de Gabrielle por certo tipo de severidade, Charles-Roux sempre acreditou que:

Quando [Coco] começava a ansiar por austeridade, pelo máximo de limpeza, por rostos esfregados com sabão amarelo; ou demonstrar um entusiasmo nostálgico por tudo que fosse branco, simples e claro, por pilhas de roupas brancas nos armários, paredes caídas... era preciso compreender que ela estava falando num código secreto, e que cada palavra que ela pronunciava significava apenas uma. Aubazine.

Estava no cerne da estética de Coco Chanel – a sua obsessão por pureza e minimalismo. Essa estética moldava os vestidos que ela desenhava e o modo como vivia. Moldou o Chanel Nº 5, a sua grande criação olfativa, não menos profundamente.

Destacando-se em meio às cenas da infância de Coco Chanel, o poder de Aubazine é óbvio. Vista de fora, a abadia é uma imponente estrutura de granito e calcário em tons de areia que se eleva sobre o vilarejo que cresceu ao redor. Dentro, é um contraste de excepcional brancura e sombras persistentes. Os vãos das portas com arco em ferradura são de madeira escura contra vastas extensões de pedra descolorada. Tem a imperturbável solidez de paredes em arco, adornadas apenas pelo jogo de luz e o sol esgueirando-se

através das janelas de vitrais incolores. Ela possui um tipo de beleza surpreendente e silenciosa.

Esta construção também estava cheia de significados que moldariam o curso da vida de Coco Chanel – e a vida do Chanel Nº 5. Por toda a parte em Aubazine, havia aromas e símbolos – e lembranças da importância do perfume. São Bernardo de Claraval, que fundou o movimento cisterciense, fazia questão de encorajar seus monges a dar ao perfume e à unção um papel central nas orações e nos rituais de purificação. Nos seus famosos sermões sobre o “Cântico dos Cânticos” da Bíblia – alguns dos versos mais eróticos encontrados na literatura religiosa –, ele aconselhava clérigos devotos a passar algum tempo espiritual contemplando os seios perfumados da jovem noiva descrita nas principais passagens do cântico. Não demorou muito e alguém teve a ideia de que esta contemplação seria ainda mais eficaz se combinada com algum tempo passado simultaneamente cheirando os aromas do jasmim, da lavanda e das rosas do local.

Durante séculos, aromas fizeram parte da vida de devoção em Aubazine, e os traços persistiram. Para Étienne, plantar flores muito perfumadas por toda a parte nas ravinas vazias e terrenos baldios ao redor das suas abadias passou a ser uma missão. Eram as mesmas colinas por onde as meninas davam longas caminhadas com as freiras aos domingos. Logo ali perto, no pátio do claustro, estavam os vestígios cuidadosamente preservados dos jardins originais do século XII, a fonte de todos esses aromas. A nave reverberante, onde Gabrielle escutava intermináveis sermões, havia sido o local desses rituais perfumados de meditação e preces durante centenas de anos. Até a desgastada escada de pedra em Aubazine que levava aos quartos de dormir das crianças e ao sótão, onde Gabrielle escondia seus livros de aventuras românticas secretos, era a mesma que aqueles monges medievais subiam todas as noites a caminho de seus sonhos perfumados. Aromas sempre fizeram parte da sua infância.

Foi uma infância muito infeliz. Mais tarde, “Aubazine” foi uma palavra que, durante toda a sua vida, Coco Chanel jamais pronunciaria. Ela a cercava de silêncio e mistério, e permaneceu como um segredo guardado e vergonhoso. Em todas as entrevistas que deu nos anos seguintes, ela afirmaria ter sido criada por tias e inventava uma história fabulosa e fictícia sobre o pai tendo feito fortuna na América. De fato, ela fazia o possível para se descartar do passado, chegando até a mandar dinheiro para pessoas da sua família com a condição de jamais revelarem esses segredos compartilhados.

Aquilo com que ela sempre viveu, entretanto, foram os cheiros de Aubazine. Eram os cheiros estimulantes de ordem e severidade. Por toda a parte em Aubazine, havia o cheiro de lençóis fervidos em panelas de cobre suavizado com raízes secas de íris e os aromas do ferro de passar. Havia o perfume de armários de roupa branca revestidos com pungentes pau-rosa e verbena. Havia mãos limpas e pisos de pedra lavados. Acima de tudo, havia o cheiro de sabão de sebo tosco sobre a pele das crianças e corpinhos impiedosamente esfregados. Era o perfume de tudo limpo. Aubazine era um código secreto de aromas e, no futuro, estaria na essência de tudo que ela achasse belo.

Aubazine também estava cheia de símbolos e do poder misterioso dos números, e esses números podiam ser encontrados – junto com seus significados – literalmente nas paredes e nos pisos ao redor dela. Era uma arquitetura rica em histórias silenciosas. Os cistercienses que ergueram as paredes desta abadia quase mil anos antes acreditavam profundamente num tipo de geometria sagrada que ordenava o universo. Suas construções a refletiam por toda a parte. Na pequena capela aonde as crianças eram levadas para rezar, toda a numerologia romanesca estava esculpida em pedra diante delas nos lugares mais rotineiros, nos pisos, nas paredes e vãos de porta. Diante delas, estava a singular unidade da perfeição divina no simples formato de um círculo. Colunas duplas refletiam a dua-

lidade de corpo e espírito, céu e terra, e três janelas seguidas eram a tríplice natureza da divindade. Nove representava as fundações dos muros de Jerusalém e o número de arcanjos, e seis simbolizava os dias da criação.

O número cinco em Aubazine era sempre considerado especial. Era o número de um tipo de destino essencialmente humano. Ou essa, pelo menos, era a ideia dos monges que fundaram a abadia da infância de Coco Chanel, e eles construíram toda a sua estrutura baseada no poder deste número especial. A arquitetura cisterciense floresceu na Europa na época das Cruzadas, e estas eram as igrejas que mais intimamente estavam associadas com os mistérios ocultos da Ordem dos Templários. Para esses mistérios, o número cinco – o pentágono – era central. “Catedrais, igrejas e abadias cistercienses”, escreve um estudioso, “são construídas com base em medidas... que se igualam mais ou menos [à] Proporção Áurea de Pitágoras.” É a razão da estrela de cinco pontas e da forma humana.

Coco Chanel compreendeu o poder deste número muito antes que as freiras iniciassem as crianças no simbolismo esotérico da arquitetura da abadia e no seu significado espiritual em suas aulas. No longo corredor iluminado pelo sol que levava à escura solenidade dessa catedral, o caminho era revestido de mosaicos ásperos, desiguais, antigas pedras de rio arrumadas em padrões geométricos, simbólicos. Aqui, até as meninas menores aguardavam em fila para ser chamadas para suas orações, e Gabrielle fazia este percurso todos os dias. Disposto ali em círculos ondulantes, ela encontrava repetido sem cessar o padrão do número cinco, às vezes na forma de estrelas. Às vezes, ele estava ali no formato de flores.

O número cinco: ela acreditava profundamente na sua magia e beleza. Aquelas freiras cistercienses haviam ensinado suas pupilas órfãs a reverenciar o poder de símbolos e do espírito, e neste antigo ramo de fé católica ele era um número especial – o número da quintessência: a personificação pura e perfeita da essência de uma coisa.

Era também, num universo material de terra, água, ar e fogo, essa outra coisa – éter, espírito – algo misteriosa e intocavelmente belo.

Ali em Aubazine, a palavra que ela jamais diria, havia quintessência por toda a parte ao seu redor, e não é de causar surpresa, então, que o “Nº 5 fosse seu número fetiche desde a infância”. Ele fazia parte dos seus jogos infantis e questionamentos de adolescente: “Ela o desenhava na terra... com um galho que havia colhido, [era o número] que ela procurava, como um jogo, entre as datas gravadas nos túmulos no cemitério.” Quando Gabrielle saiu do convento, deixou para trás a sua religião, mas jamais abandonou a sua crença no misticismo oculto dos números.

Ela também sabia que o número cinco era associado com as mulheres em particular. Desde o início, o número cinco e suas proporções perfeitas estavam entrelaçados com a secreta sensualidade do fascínio feminino – e com o simbolismo das flores. Essa conexão foi sempre, em Aubazine, elementar. Na verdade, o próprio nome “‘cisterciense’, e o do [seu] primeiro mosteiro, Citeaux, ambos vêm da palavra *cistus*, da família das citáceas, que hoje conhecemos como a simples ‘rosa silvestre’ de cinco pétalas... popular no simbolismo medieval envolvendo pinturas da... Virgem Maria, [a quem] os cavaleiros cistercienses, templários, hospitalários e teutônicos reverenciavam como a padroeira de suas respectivas Ordens”. A sua imagem foi esculpida na lápide funerária de santo Étienne, pela qual as meninas passavam todos os dias, e a planta crescia à vontade nas colinas do sul da França por onde elas caminhavam.

Nos jardins de Aubazine, havia também outra flor muito parecida com ela: a camélia branca. Esta tinha uma história menos antiga e menos inocente. A imperatriz Josefina, mulher de Napoleão, havia popularizado as camélias por todo o sul da França no século XIX, e Alexandre Dumas, uma geração depois, as levou para o palco do vaudeville popular na adaptação para o teatro do seu romance *La Dame aux Camélias* (1848) – “A dama das camélias” –, a tragédia

de uma bela cortesã e seu amor impossível por um jovem cavalheiro. Era um romance que Gabrielle Chanel conhecia muito bem, e, quando moça, ela a viu na pele da legendária atriz Sarah Bernhardt, em Paris. “*La Dame aux Camélias*”, ela disse certa vez, “era a minha vida, todos os romances populares de que eu me alimentava.” Giuseppe Verdi aproveitaria o enredo na sua ópera *La Traviata* (1853). Esta flor eterna, cujas folhas são usadas para fazer chá, já era um símbolo da devoção de um amante.

Nos anos que se seguiram a Aubazine, Coco Chanel usaria a camélia branca como um símbolo pessoal preferido. Era a forma, ela sempre dizia, de infinitas possibilidades. Seria também para ela uma flor mesclada com a história de devoção, o esplendor das luzes da ribalta, e o tipo de amor que não acaba bem. Como de se esperar, às vezes era retratada como tendo cinco pétalas. Em breve, ela ficaria sabendo algo também sobre os corações partidos de rapazes ricos e suas amantes.

Coco Chanel, afinal de contas, não estava destinada às paredes de um convento – longe disso. Quando as órfãs em Aubazine completavam dezoito anos, somente aquelas preparadas para renunciar ao mundo e se tornar freiras podiam ficar na abadia. Ninguém jamais imaginou que a vida religiosa era a vocação desta jovem cheia de vida e brincalhona, e ela certamente não alimentava ilusões. Pelo contrário, ela sonhava com a cidade grande. Neste canto remoto do sudoeste da França, a cidade grande era um modesto lugarzinho não muito ao norte chamado Moulins sur Allier.

Ao deixar Aubazine para fazer fortuna, a menina que ainda não era Coco Chanel não tinha ideia de que queria criar um perfume. Ela nem mesmo imaginava ainda que ia ser uma estilista de moda. Mas ela deixou este pequeno vilarejo com um catálogo fundamental de aromas e uma forte conexão com o número que mais tarde a definiria.